

ROGER BASTIDE E QUESTÕES DE MUDANÇA CULTURAL

FERNANDA ARÉAS PEIXOTO*

O exame da vida religiosa, em suas mais variadas dimensões, ocupa lugar central na ampla e diversificada obra de Roger Bastide (1898 – 1974). Intrigado pelos problemas da vida mística e por suas relações com a experiência artística já na juventude – tema sobre o qual escreveu um livro e diversos artigos entre 1920 e 1935¹ –, Bastide continua a perseguir o assunto em sua obra de maturidade, conferindo a ele novas tonalidades. O misticismo, a arte e a religião, assim como o imaginário, o sonho e a psique, constituem um universo de preocupações precocemente eleito pelo intérprete que a experiência brasileira (1938-1954), e, com ela, o problema dos contatos culturais, irá redimensionar de forma decisiva.

Le sacré sauvage et autres essais, publicação póstuma no interior do qual figura o artigo “Sociologia das mutações religiosas”², permite acompanharmos de perto algumas

das obsessões temáticas e teóricas de Bastide, sobretudo aquelas que dizem respeito aos nexos entre simbolismo e vida social e ao ritmo das mudanças culturais, marcado pelo encadeamento de permanências e rupturas.

O volume, dividido em três partes, acomoda com perfeição escritos dos anos 1930 e 40 – em que já se percebe a perspectiva plural do intérprete, construída com aportes da psicanálise, da antropologia, da sociologia e da crítica literária – e ensaios da última fase do autor, entre os quais os magníficos “Prométhée et son vautour” e “Le sacré sauvage”, em que ele projeta, a partir do exame do sagrado, uma reflexão crítica de extrema atualidade sobre a civilização ocidental moderna. O miolo do livro, por sua vez, traz produções intermediárias entre os textos de juventude e os últimos escritos – os *media scripta*, como quer Henri Desroches –, entre elas, este ensaio sobre as mutações religiosas, pela primeira vez em português na tradução da antropóloga Rita Amaral.

O texto curto e preciso de Bastide enfrenta, como indica o título, o problema das mudanças operadas na esfera religiosa, interpelando a natureza mesma dessas transformações. Entre as várias questões

* Fernanda Aréas Peixoto é professora do Departamento de Antropologia Social da USP e autora, entre outros, de *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*, EDUSP/ FAPESP, 2000.

1 Cf. Denise Dauty, “Roger Bastide: Bibliographie, 1921-1974”, *Cahiers d’anthropologie*, EHESS/CREDA, 1978.

2 BASTIDE, Roger. *Le sacré sauvage et autres essais*, Paris: Payot, 1975.

que ele levanta, gostaria de apontar duas (no limite, uma só), centrais não apenas nesse texto específico, mas na obra mais ampla do autor.

A primeira delas diz respeito às complexas relações entre infra e superestruturas, tematizadas por Bastide em diversos momentos. Em *As Religiões africanas no Brasil* (1960), por exemplo, preocupado em compreender a permanência das religiões africanas entre nós a despeito das profundas transformações pelas quais passou a sociedade brasileira, o intérprete indaga sobre o esgarçamento das relações entre cultura e morfologia social. Os africanos, ao virem para o Brasil como escravos, verão destruída sua sociedade, indica Bastide, mas conseguem manter sua cultura. Como isso se dá? “Tudo se faz como se uma fenda se abrisse entre os diversos níveis da sociologia em profundidade, no estágio dos símbolos, alargando-se para deixar intactas em grande parte as representações coletivas, os valores e mesmo as palpitações da consciência coletiva, enquanto desmoronavam as estruturas e as normas que as sustentavam³”.

Os valores religiosos, ao perderem os laços orgânicos com sua base morfológica original, criam novos quadros sociais para poderem se perpetuar. É como se as superestruturas, mostra ele, tivessem que dar corpo a novas formas de sociabilidade. Desse modo, são os descompassos entre infra e superestrutura que permitem, nos termos de Bastide, a recriação das religiões africanas no Brasil.

Essa reflexão sistematizada na década de 1960 é retomada, num plano mais geral, neste artigo de 1970 sobre as mutações

religiosas, quando Bastide sublinha que as metamorfoses na esfera religiosa “não estão pura e simplesmente a reboque das mutações de estrutura da sociedade envolvente; elas se querem também construtivas”. Isso significa afirmar que a compreensão das transformações religiosas obriga a um exame detido das regras que presidem as mutações religiosas e que “se produzem no interior de uma certa *gestalt* que é dada pelo estado anterior do sagrado”.

Se tal problemática pode parecer por demais conhecida nos dias que correm, ela assume contornos particulares quando associada a uma outra questão trabalhada por Bastide neste artigo e que se refere à qualidade mesma da mutação religiosa. Inspirado na noção de “memória coletiva” de Halbwachs e na idéia de bricolagem tomada de empréstimo a Lévi-Strauss, Bastide vai defender serem as mudanças religiosas sobretudo fenômenos de reordenamento de elementos do passado, ou de reestruturação. Nesses termos, toda e qualquer mutação na esfera religiosa deve ser entendida tendo em vista os quadros da memória coletiva – uma vez que uma das faces do religioso é justamente a perpetuação de lembranças – e os processos de bricolagem, já que ela envolve a estruturação de “uma realidade nova com a ajuda de antigas instituições desestruturadas”.

Em outro artigo, também de 1970, “Mémoire collective et sociologie du bricolage”⁴, Bastide toca em mesma tecla teórica para pensar os “resíduos” africanos na América. Com a transplantação dos africanos para o Novo Mundo, mostra ele, certos laços com a África foram cortados,

3 *As religiões africanas no Brasil*, São Paulo, Pioneira, 1971: 55

4 Republicado em *Bastidiana*, 7-8, 1994: 209-242

lembranças apagadas. A reconstituição da religião africana só foi possível pela recomposição de um solo que sustentasse as representações coletivas. A terra africana se reconstruiu no terreiro de candomblé, que funciona como *lieu de mémoire*, na acepção de Halbwachs. Mas o restabelecimento de um solo e de uma cosmologia africana, mostra o analista, é sempre lacunar, repleto de lapsos. De qualquer modo, se os conteúdos se perderam no tempo e no espaço, restou a forma, paradoxalmente inacabada e incompleta.

A sociedade afro-americana irá então buscar novas imagens para completar os claros abertos na trama das representações coletivas por meio de um processo de

bricolagem: resíduos de origem africana são dispostos em nova malha dando origem a arranjos originais, simultaneamente recomposição de antigas estruturas e criação de novas.

Tendo em vista as duas questões apontadas neste breve comentário, não parece exagerado afirmar que ao olhar para as mutações religiosas – para os processos de “emergência” e de “proliferação de seitas”, como os analisados no texto – Bastide mantém seu instrumental analítico afiado para perceber os jogos de continuidades e descontinuidades implicados em todo e qualquer processo de mudança cultural. Afinal, a produção do novo se faz sempre sobre antigos alicerces.